



A RELAÇÃO DO JOVEM COM A LEITURA

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Paloma Gabriela Xavier Leite
Recife, 2023.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Leite, Paloma Gabriela Xavier.

A relação do jovem com a leitura / Paloma Gabriela Xavier Leite. - Recife,
2023.

26 p. : il.

Orientador(a): Adriana Maria Andrade de Santana

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Jornalismo - Bacharelado, 2023.

1. Leitura. 2. Juventude. 3. Livros. I. Santana, Adriana Maria Andrade de.
(Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

Paloma Gabriela Xavier Leite

A RELAÇÃO DO JOVEM COM A LEITURA

Trabalho de conclusão de curso realizado pela aluna Paloma Gabriela Xavier Leite, sob orientação da professora Adriana Santana, para a disciplina Projetos Experimentais 1.

RECIFE
2023

Sumário

✦ Mergulho em outros mundos	7
✦ Do leitor ao escritor	9
✦ Best sellers infantojuvenis	13
✦ Compartilhar é viver	16
✦ Seu próprio mundo	21
✦ Posfácio	24
✦ Agradecimentos	25



Mergulho em outros mundos

Aos nove meses eu já andava. E antes mesmo de aprender a andar, eu já falava. Com um ano de idade, eu sabia o nome de todo mundo da rua e também assobiar. Diz minha mãe que aos três anos eu já sabia ler algumas palavras. Ela também disse que, por notarem que eu era “desenrolada”, meus pais me matricularam aos dois anos na escolinha.

Por volta dos seis ou sete anos, eu comecei a ler meus primeiros gibis. Eu já conhecia livrarias há anos, mas poder desfrutar da experiência completa da leitura era diferente. “Devorava os gibis”, destacava minha mãe. Obrigada por tudo, Maurício de Sousa!

Também passei pela fase “ler O Pequeno Príncipe”, um grande clássico que minha mãe ama. Não sei se antes dos 10 anos de idade uma criança é capaz de entender totalmente a mensagem do livro, mas lembro que tem uma linda e importante mensagem.

Mas senti que a paixão chegou mesmo quando eu conheci a saga Crepúsculo. O romance com criaturas místicas me levou a um mundo que eu desconhecia totalmente. Não era apenas consumir o livro, era como se eu pudesse viver um pouco da história também.

Não demorou para que eu pulasse para outras sagas, como as histórias de Percy Jackson - que inclusive até hoje acompanho os livros derivados. Isso abriu portas que eu não imaginava que existiam: conheci grupos de fãs que se reuniam para comentar as sagas e até promover jogos valendo prêmios.

Nesses grupinhos conheci muita gente e fiz algumas amizades que conservo até hoje, apesar de não ser tão próxima. Falando em proximidade, lembro que em um determinado momento tive que me afastar dos livros. A escola exigia um pouco mais de dedicação, além de outras coisas começarem a disputar minha atenção na época.

É quanto mais eu me afastava dos livros (ou melhor, da leitura não obrigatória), sentia que me afastava mais um pouco da criança prodígio que existia em mim. Ainda havia interesse nas leituras, mas não era da mesma forma.

E então chegou a época que aterrori-

za qualquer adolescente que tem pelo menos uma mínima perspectiva de futuro: o ano de vestibular. Se antes eu já estava distante dos livros, nos anos que prestei vestibular meus livros ficaram praticamente intocados. Eu gastava todo o meu “juízo” lendo conteúdo para as provas, além dos simulados que tinham quilômetros de texto.

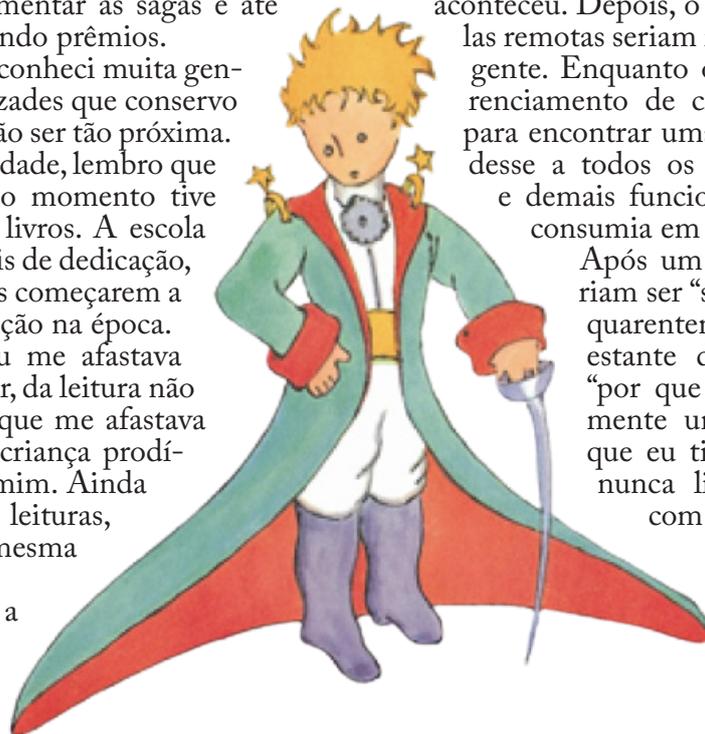
A gente tende a achar que depois do vestibular as coisas vão desafogar e vai dar para conseguir ler um livro por dia. Pode até ser que isso seja possível, mas quando entramos na faculdade o negócio fica muito puxado. As leituras acadêmicas muitas vezes sugam nossas energias e tiram o prazer de ler - mesmo que você tenha em mãos um livro daquele autor que você ama.

Passei mais anos numa relação com meus livros que deixava a desejar. Às vezes até com as leituras acadêmicas obrigatórias, pasmem, deixava a desejar. E esse fenômeno não aconteceu só comigo, vários amigos compartilharam que na rotina do “jovem adulto” era difícil manter a frequência de leituras.

Eis que, de repente, uma pandemia irrompe e obriga todo mundo a ficar em casa e mudar não apenas a rotina, mas também os hábitos. O que era para ser “só duas semanas” viraram meses e parecia não ter fim.

A universidade onde estudo suspendeu as aulas por um tempo, já que supostamente a situação seria amenizada em breve - o que não aconteceu. Depois, o motivo era que aulas remotas seriam inviáveis para muita gente. Enquanto o esquadrão de gerenciamento de crises se organizava para encontrar uma solução que atendesse a todos os alunos, professores e demais funcionários, o tédio me consumia em casa.

Após um mês do que deveriam ser “só duas semanas” de quarentena, olhei para minha estante de livros e pensei: “por que não?”. Fiz rapidamente uma lista dos livros que eu tinha à disposição e nunca li e me surpreendi com a quantidade. Mais de 30 livros da minha estante nunca tinham sido lidos por mim.



Como uma boa ariana, me desafiei a começar a ler as preciosidades que estavam na minha estante perdidas, tipo um tesouro esquecido. Baixei o Skoob (uma rede social de leitores que também funciona como fórum) e dei mais um passo rumo ao mundo que já me proporcionou tantas experiências.

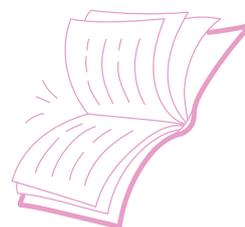
Com poucas disciplinas na faculdade e tempo de sobra, consegui ler 23 livros em 2020. Compartilhei as impressões da maioria das leituras no Twitter e com um amigo ou outro. No ano seguinte, apesar de me matricular em mais disciplinas, consegui chegar a 19 leituras - sem contar as da faculdade!

Pelo visto, eu estava mesmo recuperando o hábito de ler. Em 2022, eu não quis fazer feio:

cheguei ao marco de 23 livros, mesmo com a flexibilidade das regras de convivência com a covid-19 - que me permitiu voltar a encontrar amigos e trabalhar presencialmente. Não me sinto a criança prodígio que deu certo ou melhor que alguém por ter retomado o hábito de leitura. Só que-, ao mergulhar em vários universos e me desligar do mundo, me renovo um pouco mais.

E essa relação de anos, cheia de altos e baixos, com a leitura é uma parte tão importante da minha vida que eu seria capaz de escrever páginas sobre, ou até um TCC! Por isso, minha escolha de trabalho de conclusão de curso não poderia ser outra senão a relação do jovem com a leitura.

F: ARQUIVO PESSOAL



Do leitor ao escritor

F: PALOMA XAVIER.

Um dos momentos em que o brasileiro, geralmente, tem contato com a leitura é durante a escola, mais especificamente com a disciplina Literatura. Esse, que pode ser marcante positiva ou negativamente, tem o poder de influenciar na relação do jovem com a leitura - inclusive a longo prazo.

Solicitei a oito estudantes de 16 a 19 anos que cursam o 2º e 3º ano do Ensino Médio que respondessem a um questionário online sobre leitura para este trabalho, e metade deles respondeu que lê os paradidáticos da escola. Dos entrevistados, um afirma gostar apenas dos textos lidos nas redes sociais, enquanto os demais têm um gosto mais abrangente - "lê todo tipo de coisa". Todos afirmaram que apenas algumas leituras de Literatura lhe agradaram, e 3 discordaram, ao menos parcialmente, das obras escolhidas para a disciplina.

Algumas das estratégias sugeridas pelos alunos para tornar as aulas de Literatura mais interessantes foram: "Mesclar livros clássicos e atuais, abordando temáticas diversas"; "Poderiam ser livros atuais, tipo 'É assim que acaba', que retrata relacionamentos abusivos e juventude, porém existem cenas explícitas" e "Incentivar a leitura autônoma, a busca do gênero, autor e maneiras de leitura favoritas".

Um terço dos alunos acredita que os professores deveriam negociar as leituras abordadas e revezar com os paradidáticos obrigatórios. Entre os gêneros favoritos dos entrevistados, estão romance, aventura, suspense e fantasia. Títulos como *Crepúsculo* (Stephenie Meyer) e *Harry Potter* (J. K.



Obras consideradas best sellers, como a saga *Percy Jackson* e *Harry Potter*, fazem sucesso entre o público infantojuvenil mesmo após 10 anos de lançamento.

Rowling) são mencionados como exemplos.

A média de livros lidos por ano pelos entrevistados é 21. Um estudante afirma não ler nem um livro nesse período, enquanto outro estima cinco leituras por mês. Outra estudante diz ler uma obra a cada dois meses para "não atrapalhar na escola porque fico viciada".

Incentivo

A professora Clara Xavier dá aula para alunos que têm entre 11 e 14 anos, que estão entre o sexto e nono ano do Ensino Fundamental II, e tenta estimular o interesse deles desde cedo. Ela nota que as aulas de Literatura atraem mais atenção que as de produção textual e gramática, mas que isso depende da obra abordada.

Uma estratégia abordada pela professora é tentar tornar a história mais atrativa: "Eu leio previamente todos os livros paradidáticos obrigatórios e tento repassar a história para eles, a priori, de forma mais interessante do que de fato eles achariam. Então eu pego pontos que eu sei que eles vão

gostar e eu tento colocar no quadro algumas frases de efeito do livro que eu sei que vão chamar atenção."

"A partir disso, a gente vai construindo a leitura. O que ajuda muito também é a leitura conjunta. Eles poderem ler os livros para os colegas de sala e ler para eles. Então, a gente sempre está fazendo rodas de leitura para que a leitura se torne menos pesada e também a gente discutir o que cada um achou, o que cada um pensou, do que se tratava o livro antes mesmo de ler", acrescenta.

Outra estratégia adotada por Clara é emprestar livros que possam estimular o hábito de leitura dos seus alunos. Entre os títulos que tiveram boa aceitação estão: *Harry Potter*, *Percy Jackson*, *Coraline* e *Labyrinth do Fauno*. E o gênero predileto dos seus alunos atualmente é o terror.

A professora também destaca a importância dos clássicos literários: "Eu não acho que a gente tem que deixar de explorar os clássicos da Literatura. Eu acho que é importante a gente falar sobre, mas eu acho que só isso não dá conta do que

os jovens querem, do interesse que eles têm. Então, talvez trazer coisas mais atuais, mais do dia a dia deles, talvez tornasse a leitura mais significativa.”

O também professor Saulo Silva dá aula de Literatura para alunos da faixa etária de 15 a 18 anos, que estão no Ensino Médio, e elenca mais um desafio: o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Ele relata que os alunos dão mais importância à redação para o vestibular e dispõem de menos tempo para as leituras da outra disciplina, além de terem resistência a obras que não sejam contemporâneas.

“A literatura tem que ser algo que esteja muito próximo da linguagem, mais contemporâneo. Porque uma palavrinha diferente que eles encontram já se torna resistência. E eu falo que ler e saber gramática também é importante para a redação, que é o foco da maioria [dos seus alunos]”, conta.

Uma estratégia adotada por Saulo foi procurar elementos comuns ao “universo” dos alunos para despertar o interesse deles pela Literatura. “O [autor] que deu muito certo foi [José] Saramago, que deu um chamariz, emoção. Mas com o resto geralmente há uma distância. Então o foco deles acaba sendo nas provas da escola e no Enem. Mas além disso, recomendo a leitura em casa.”, afirma.



Júlya vai prestar vestibular para Medicina e teve de reduzir o ritmo de leituras por lazer para focar nos estudos.

Outra alternativa explorada pelo professor foi levar poesia para a sala de aula: “Eu trabalho muita poesia com eles, tipo Drummond. Algo contemporâneo, com palavras mais comuns ao vocabulário deles.”

Além dos clássicos

A estudante Júlya Seixas, de 17 anos, adora literatura: “Eu gosto realmente de livros clássicos, o meu escritor favorito é Machado de Assis. Eu gosto de ler livros de autores brasileiros, eles trazem uma realidade muito legal. É uma forma de você ver o Brasil totalmente diferente.”

Mas também defende que os professores devem acrescentar à lista de livros da disciplina obras como *As Crônicas de Nárnia*, *Harry Potter* e *Percy Jackson*. “Existem vários livros que poderiam ser trazidos para o âmbito escolar e que façam as pessoas refletirem e não só o que vai cair na prova. Esse incentivo extracurricular também é bom”, diz a vestibulanda de medicina.

“Quando eu descobri que a média anual de leitura do brasileiro era um livro ou um livro e meio por ano, eu fiquei assustada. Então qualquer pessoa que lê mais de um livro por ano está acima da média”, comenta a estudante.

O dado mencionado por Júlya foi divulgado em 2020 na 4ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, e é referente à média de livros inteiros lidos por brasileiros nos últimos três meses. Quando o período se estende a um ano, o número médio de leituras completas sobe para 2,5. Se estender o critério para tanto os livros inteiros quanto em partes, a média anual de livros lidos é de 4,96.

Vale ressaltar que, no período de um ano, 14% (27,8 mi-



Clara Xavier tenta incentivar seus alunos a ler dentro e fora da sala de aula.

lhões de pessoas) leram obras sugeridas pela escola e 33% (64,1 milhões) livros de literatura. A média de leitura dos livros indicados pela escola foi de 0,87 nos últimos 12 meses, enquanto os de literatura foi de 1,45. Estes dados consideram tanto os livros inteiros quanto em partes.

“Esse ano eu aproveitei muito as férias porque sabia que não ia conseguir ler o que eu quero por causa do Enem. Eu conseguia ler livros em dois, três dias e agora eu já não consigo fazer isso. E a leitura é muito importante, porque quem lê fala bem, se expressa bem e também escreve bem, o que é muito importante agora, principalmente em época de vestibular. Além da redação, você conquista repertórios socioculturais”, destaca Júlya.

Tirando do papel

E além de leitor, o jovem também pode se tornar escritor, como é o caso de Igor Duque. O fisioterapeuta de 27 anos teve uma relação mais íntima com a leitura desde cedo. Livros infantis e os gibis da Turma da Mônica marcaram seus primeiros anos de leitura e posteriormente vieram os

poemas de autores como Manuel Bandeira. Mas a “chave girou” quando ele assistiu aos filmes da saga Harry Potter.

“Me apaixonei por Harry Potter e aí foi o início de tudo. Eu sempre fui uma criança muito sozinha, mas passei a frequentar eventos com outros fãs. Eu lia muito, isso estimulava minha imaginação, eu começava a imaginar outros mundos”, conta Igor.

Ele também teve contato com as fanfics, que são narrativas ficcionais escritas e divulgadas por fãs que usam personagens de outros livros ou até personalidades da mídia. “Eu já li fanfic, gostava bastante. Uma prima minha escrevia fanfic sobre ‘McFly’. E quando ela mandava pra mim, eu achava um máximo porque achava ela super inteligente por estar escrevendo alguma coisa. E eu pensei: ‘eu também posso fazer isso’,” relata.

E então as narrativas ficaram ainda mais presentes na vida de Igor. “Eu comecei a criar uma história de criança porque era criança ainda. Eu acho que eu tinha 11 anos. E depois começava a escrever histórias de herói de quadrinho. E um tempo depois eu comecei a escrever [A Ilha de] Pandora para poder descarregar o quadro de depressão que eu tinha.”

F: ARQUIVO PESSOAL



A editora Stephanie Noronha criou um projeto para levar o processo de publicação de livros às escolas.



Igor participou de eventos para divulgar seu livro.

A Ilha de Pandora começou a ser escrita quando Igor tinha apenas 15 anos, e foi publicada em 2016. O enredo é sobre uma ilha misteriosa, onde vivem pessoas. “O personagem principal é super interessado por esse tipo de aventura, vai atrás e acaba passando por várias experiências. A Ilha de Pandora é uma grande metáfora sobre todas as experiências que eu passei na vida. A questão da adolescência, de perdas e descobrimento”, explica.

Escrever foi uma forma que Igor encontrou de ajudar a dar vazão ao turbilhão de sentimentos causado pela depressão. No entanto, o processo da publicação do livro foi tão desgastante que o desestimulou a continuar publicando mais histórias.

Ele destaca que a condição financeira e dedicação ao processo eram partes essenciais para publicar na época: “Você tem que investir pra ganhar dinheiro com isso. É pra gente que tem muita grana. Eu morava numa favela, e não teria nem como recorrer aos meus pais. Eu deixei o contrato acabar e nunca continuei o processo de escrita. Eu tinha vontade de voltar, mas é muito complicado, muito maçante

e a rotina também não ajuda muito.”

A comunicadora e escritora Stephanie Noronha criou a Interligados Editora com o intuito de trabalhar com o público jovem: escritores jovens ou pessoas que escrevem para jovens. A editora criou um projeto intitulado Aventura Literária com o objetivo de levar às escolas o processo de publicação de um livro e incentivar a escrita desse público.

“É um projeto que consiste na escola publicar livros escritos 100% pelos alunos para incentivar a escrita desses jovens. A minha missão é mostrar que a realidade de publicação é possível, ela é tangível para todos os públicos. É eu quero atingir os jovens porque eu não quero que eles esperem 30, 40, 50 anos como a maior parte dos escritores esperam para fazer essa descoberta”, conta Stephanie.

A editora sugere estratégias como concursos literários para incentivar os alunos. “A questão da publicação envolve o processo da escrita, então é uma parceria com os professores, a princípio de língua portuguesa e redação, mas muitas escolas envolvem todos ou da maior parte das matérias”, comenta sobre o processo.

As temáticas e gêneros podem variar de acordo com o decidido com os professores. Segundo Stephanie, algumas turmas vão trabalhar com contos, enquanto outras com crônicas, e há turmas que vão encarar o desafio de escrever poemas bilíngues - uma versão em português e outra em inglês.

Até o momento, o projeto chegou apenas a colégios particulares em São Paulo, pois a editora consegue negociar com maior facilidade com os diretores. Sua próxima missão é levar o projeto às escolas públicas, mas para isso é preciso passar por um processo burocrático que envolve o Ministério da Educação.

A jornalista e escritora Maria Anna Martins, que atua na área editorial desde 2017, ressalta a importância de definir o objetivo da publicação de uma obra. “Tem gente que publica porque quer ter aquele livro na mão, passar para a família e amigos. Tem gente que publica porque é realizar um

sonho. E tem gente que publica para levar em eventos como palestrante”, exemplifica.

“Hoje em dia, se você quer publicar um livro, você vai publicar um livro. Você consegue publicar até de graça. Se você quiser uma plataforma online, como os sites de fanfics, sem nenhuma burocracia nisso. Você pode publicar um e-book na Amazon, e a própria Amazon entrega as ferramentas para você publicar. Ou você pode pagar para uma prestadora de serviço publicar para você. A questão é: você vai publicar com qual profissionalismo? Você vai publicar com qual intuito?”, explica Maria.

Na editora onde ela trabalha como diretora de comunicação, a Flyve, há muitos jovens escrevendo. Apesar de não trabalhar diretamente nesse setor, Maria notou o crescimento do número de jovens buscando a editora. A comunicadora também afirma que há uma política para lidar com escritores menores de 18 anos, apesar do número não ser tão expressivo.

Maria notou que, entre os projetos que analisou, os gêneros fantasia e romance são os mais predominantes entre os jovens escritores. Ela afirma que eles geralmente escrevem para sua faixa etária: “Você quer escrever sobre o que vivencia dentro das suas experiências. Eu acho que a primeira escrita vai ter um pouco das suas experiências. Dificilmente já tem definido, tipo ‘vou escrever para tal público’. Aliás, essa noção de público demora muito para o autor conseguir ter.”

Quando ao processo de publicação, a comunicadora classifica como “trabalhoso e muitas vezes dispendioso no sentido financeiro” e destaca que o investimento é proporcionalmente maior ao profissionalismo da edição. Ela também chama a atenção para os contratos: “Tem editoras, tem prestadoras de serviço que se fazem de editoras e tem editoras que também são prestadoras de serviço. Existem várias formas de publicação, e você precisa ver muito bem no que você está se metendo e ler direitinho os contratos.”

Maria não é pessimista quanto à quantidade de leitura do brasileiro. “A galera passa tanto tempo no celular, lendo no Twitter e no Instagram. Não é leitura de livro, mas não deixa de ser leitura. E as pessoas consomem narrativas o tempo inteiro. A gente consome narrativa no momento que a gente vai para uma mesa de bar com amigos escutar sobre a vida deles. A gente tá o tempo todo sendo bombardeado por histórias”, afirma.

Assim como Maria destacou, as narrativas estão por todo lugar - inclusive nas redes sociais. Então, o que talvez precise ser potencializado é o estímulo para a leitura mais interessante para cada pessoa.

F: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Maria Anna Martins já publicou livros para o público infantil, como 'A observadora de sombras'.

Best sellers infantojuvenis

Por que alguns livros infantojuvenis fizeram tanto sucesso, segundo alguns jovens leitores

Heartstopper: Dois garotos, um encontro - Alice Oseman (2022)



Ele trata o amor de um jeito muito delicado, até nos desenhos. Me tocou muito, principalmente porque a minha geração não teve contato com questões de sexualidade de uma forma sensível quando criança. Além de ser uma história LGBT que é pouco trágica, enquanto em outras parece que os gays têm que sofrer.

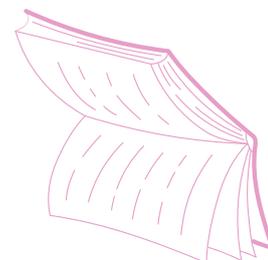
Alice Bruere, 22 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo

A Seleção - Kiera Cass (2021)



Foi o primeiro livro que eu li que envolve distopia e romance, dois gêneros que gosto muito. O romance e a forma que a autora criou um homem ideal foram o que mais cativou na época.

Maria Luísa Tabosa, 21 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo



Vermelho, branco e sangue azul - Casey McQuiston (2021)



Ele parece muito real. Sabe aquele livro que você acha que quando fechar o livro, dá pra pesquisar na internet e eles vão aparecer na vida real? Eu tive muito essa sensação. E a linguagem é informal, ele é bem engraçado, mas também fala de coisas reais. Tem muita referência à cultura pop, como Star Wars, Harry Potter e outras coisas. É como se eles tivessem vivendo no mesmo universo que eu.

Daniela Piquet, 18 anos, estudante de Publicidade e Propaganda



Crepúsculo - Stephenie Meyer (anos 2010)



F: DIVULGAÇÃO



Foi a primeira vez que eu li fantasia. Eu gostei do romance, principalmente porque as outras sagas em alta da época não davam tanto destaque ao romance. Tinha uma identificação com Bella por ser uma garota comum, que foi notada pelo cara bonitinho da escola. Mas o que eu mais gostei foi a fantasia e de comentar com as minhas amigas.

Lara Sobreira, 23 anos, biomédica

O diário perdido de Gravity Falls - Alex Hirsch (2020)



F: DIVULGAÇÃO



A série veio antes do livro, e o livro é o 'algo a mais'. É como se você assistisse à série e ficasse querendo saber o que tem no diário. Cada dia do diário tem acontecimentos, tem dias que duram três páginas e outros mais, e tem até 'gravura'. Quem cresceu assistindo quer descobrir mais sobre o universo, e o criador até hoje faz uma caça ao tesouro e outros mistérios [ações de marketing] pelos EUA pra manter o público curioso

Sophia Moura, 12 anos, estudante do Ensino Fundamental II

Percy Jackson e os Olimpianos - Rick Riordan (anos 2010)



F: DIVULGAÇÃO



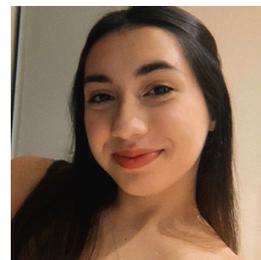
A leitura é muito fácil e gostosa e você consegue se identificar muito com os personagens, principalmente porque a primeira saga é narrada em primeira pessoa. Além de você crescer acompanhando o desenvolvimento do personagem, assim como foi Harry Potter com outra geração.

Louise Candiotto, 24 anos, estudante de Medicina

A cinco passos de você - Rachael Lippincott (2019)



F: DIVULGAÇÃO



Foi um dos livros que li no começo da pandemia e me ajudou a começar o hábito da leitura. É uma história que aborda uma doença não tão conhecida e ser contada de uma forma meio leve e ao mesmo tempo reflexiva. Fala muito sobre morte, a missão deles aqui na Terra e outras coisas, de um jeito muito bonito.

Yasmin Moura, 17 anos, estudante de Psicologia



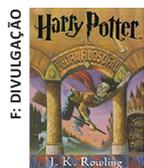
Jogos Vorazes - Suzanne Collins (anos 2010)



A leitura lhe prende muito porque a história é muito boa. Eu gosto muito mais porque o gênero [distopia] é sobre como uma realidade funciona ou pode funcionar - como se mostrasse um lado bem dark da humanidade. Os livros têm um jeito pesado e ao mesmo tempo leve, de um jeito que não mascara a luta ali, a injustiça e a desigualdade.

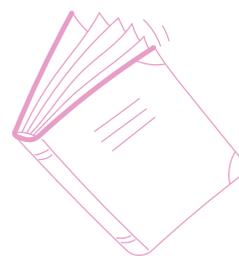
Mariana Piquet, 22 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo

Harry Potter - J. K. Rowling (anos 2000-2010)



Reli a saga toda umas 15 vezes. São meus livros de conforto. Quando eu tô muito ansiosa, eu pego um deles pra ler, como quando meu cachorro morreu. Na primeira vez, tive uma conexão muito forte com a história em si, porque a história também aborda temas como bullying. Toda criança 'diferente' já passou por alguma situação que a gente vê no livro. Então, você consegue se conectar muito bem com a fase das amizades e das dificuldades. Além de ser um livro de leitura fácil.

Karina Cirilo, 26 anos, bióloga



Maze Runner - James Dashner (anos 2010)



É uma história que não te entrega as coisas logo, te prende e vai se destrinchando no decorrer dos livros. Além da distopia ser um gênero que tava em alta na época, o enredo traz adolescentes, o que faz a gente se identificar. A narrativa de salvar o mundo e jovens tendo protagonismo estimula, de uma certa forma, a noção política nesse momento de formação.

Julianna Valença, 22 anos, jornalista



Compartilhar é viver

Além dos tradicionais clubes do livro, muitos leitores se reúnem em outros espaços de compartilhamento. Um desses, que se popularizou no Recife e em outras cidades no início dos anos 2010, são os eventos de sagas de livros. Nessas reuniões, os fãs se encontravam em auditórios de livrarias para se conhecerem melhor, compartilhar opiniões sobre as obras e outras leituras, além de participar de dinâmicas.

A advogada Aline Nires, 26 anos, frequentou eventos de sagas há cerca de dez anos. Os mais frequentes eram das sagas Harry Potter, Crepúsculo, Percy Jackson e Jogos Vorazes, que estavam em alta, mas ela também marcou presença em alguns outros, como de A Seleção.

Os convites para esses eventos geralmente eram feitos pelo Facebook, onde os organizadores publicavam detalhes sobre o encontro de fãs - com direito à competição valendo prêmios. Lá, os frequentadores eram divididos em grupos nas dinâmicas, que consistiam em jogos de perguntas e respostas e concursos de cosplays.

“Nos [eventos] de Percy, como era de costume, a divisão era pelos filhos dos deuses. Foi algo que me marcou muito”, lembra Aline. Nesses locais, ela conheceu fãs que compartilhavam afinidades que iam além dos livros, o que tornava os grupos ainda mais coesos.

Além disso, os dias de evento também tinham como bônus a compra de um livro novo. “Eu economizava, deixava de comprar lanche na escola, para poder comprar livro físico. Muitas vezes, os livros tinham desconto nesses eventos de li-

vraria”, conta a advogada.

Foi nesses encontros que ela fez novas amizades e entrou em grupos de WhatsApp que funcionam até hoje, apesar de não terem mais o mesmo objetivo e nem a mesma frequência de interações.

Atualmente, Aline não frequenta mais esses eventos. Ela justifica o afastamento com as prioridades da vida adulta e a diferença de idade entre o público que frequenta esse tipo de encontro agora: “Tem um choque geracional na interação. Por mais que haja interesse, essa diferença acaba afastando a gente, a conversa já não batia mais.”

“É muita gente que está ali está no Ensino Médio, que apesar de exigir estudo, não tem um comprometimento tão grande quanto a faculdade ou um emprego. Agora eu tenho outras prioridades”, acrescenta.

Apesar de não participar mais desses encontros, a advogada ainda mantém o hábito de ler. “Eu lia um livro quase por dia, com uma facilidade tremenda. Agora, as leituras têm mais a ver com meu campo de atuação, mas ainda assim eu faço questão de separar pelo menos um final de semana do meu mês para ler livros por lazer”, afirma.

Um dos organizadores dos eventos de saga populares no Recife no início dos anos 2010 é Thyago Sousa. O analista de Marketing de 32 anos organizava sessões de cinema exclusivas de pré-estreia de Jogos Vorazes, além de eventos de saga e outras. Os cenários mais frequentes desses encontros eram a livraria Saraiva do Shopping Recife e parques como o Dona Lindu (Boa Viagem) e o



Aline Nires frequentava eventos de diversas sagas.

da Jaqueira (Graças).

A ideia de produzir eventos surgiu de um grupo de fãs de Jogos Vorazes derivado de um grupo de São Paulo, que tinha patrocínio e pretendia criar núcleos em outros estados. O grupo derivado da capital pernambucana cresceu e passou a chamar a atenção da editora Rocco. Foi aí que os eventos passaram a ganhar cada vez mais destaque.

“O primeiro evento foi por volta de 2013. Depois, a gente entrava em contato com as editoras e criava um calendário anual de eventos. A Saraiva [do Shopping Recife] chamou a gente para produzir eventos lá e passamos a organizar com frequência por lá. As editoras enviavam brindes e a gente colocava como prêmios das dinâmicas”, explica Thyago.

Apesar da produção demandar esforço, o trabalho era voluntário. “A gente não entendia o potencial que aquilo ali tinha para gerar dinheiro. Quando tinha algo para ven-



**Evento promocional do
filme Jogos Vorazes:
A Esperança parte II.**

der, eram bottoms ou camisas que a gente encomendava na internet, mas nunca era uma renda significativa”, afirma o comunicador.

Thyago parou de produzir esses eventos devido ao desgaste da atividade, além de ter passado a priorizar outros projetos. Seu último evento ocorreu em 2015 e reuniu cerca de 200 fãs da saga Jogos Vorazes no auditório da livraria Saraiva

do shopping Riomar, do Recife.

O analista afirma que a falta desses eventos por um período interferiu, de certa forma, na “oxigenação de novos leitores”: “Os novos leitores que foram surgindo não tinham mais esse lugar seguro para se reunir para falar sobre. Porque, por mais que todo mundo ali fosse muito fã, quando estava sozinho não tinha essa ‘liber-

dade’ que os espaços com outros leitores tinham.”

Outra área que sofreu algum tipo de impacto foram as livrarias nas quais os eventos eram organizados, principalmente durante a pandemia do novo coronavírus. “Naquela época não era tão forte a pressão de espaço virtual, mas isso somado à questão dos eventos também afetou de certa forma. Lembro que, no dia de um evento que a gente fez, a Saraiva vendeu mais de R\$ 7 mil em livros”, pontua.

Thyago também atribui à venda online parte da causa de livrarias como a Cultura terem decretado falência ou ficado em situação delicada. “Começou a ficar mais difícil comprar fisicamente por causa da pandemia e é muito mais fácil comprar um livro online. E é até mais barato, então a galera que já comprava online passou a comprar mais pela internet”, afirma.

A Livraria Cultura entrou com pedido de recuperação judicial em 2018 e teve falência decretada em fevereiro de 2023, mas conseguiu uma



O evento promocional do filme Jogos Vorazes: A Esperança parte II no shopping Riomar reuniu cerca de 200 fãs da saga.

liminar que suspendeu o decreto de falência na Justiça, segundo o site especializado PublishNews. O despacho considera que “os efeitos da decisão de falência seriam irreversíveis e que seria necessário um exame ‘mais acurado’ das provas arroladas na sentença.”

Também em 2018, a livraria Saraiva entrou com pedido de recuperação judicial. No entanto, de acordo com o PublishNews, em abril deste ano, a empresa informou que fechou mais seis lojas pelo Brasil e registrou um prejuízo de R\$ 15,2 milhões no quarto trimestre de 2022 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Hiato

Passada a fase mais crítica da pandemia, alguns eventos que reúnem fãs foram retomados. O artista de rua Bruno Barbosa, de 31 anos, começou a frequentar esses encontros recentemente e se sentiu mais seguro após a campanha de vacinação contra a covid-19. “Você tem que levar em conta as questões sanitárias. Tinha cerca de 50 pessoas ali, imagina se não tivesse todo mundo vacinado?!”, indagou.

Através de amigos que gostavam da saga Percy Jackson, ele conheceu a loja virtual Se-



F: ARQUIVO PESSOAL

Na fila para entrar no auditório, fãs folheiam livros.



F: PALOMA XAVIER

Fãs de Percy Jackson se reuniram para atividades temáticas na livraria Varejão do Estudante, na Boa Vista (Recife).

mideuses, que organiza eventos que reúnem fãs das obras de Rick Riordan. Os encontros haviam sido suspensos devido à pandemia e estão retornando aos poucos.

Apesar de ser mais velho que a maioria dos frequentadores desses encontros, Bruno cons-

truiu uma boa relação com eles. “Eu nunca fui muito ligado em rede social, então não conhecia outros leitores e também não fazia questão de estar em grupo de leitura. A gente acaba gerando uma convivência e acaba se tornando amigos de verdade, pessoas que têm um interesse em comum”, pontua.

Bruno destaca a experiência singular desses eventos: “A gente tem a chance de se juntar, poder refazer cenas que gostamos e conversar sobre várias coisas. Além de poder ter a sensação de estar no livro.”

Vanessa Souza, uma das proprietárias da loja Semideuses e organizadora de eventos de fãs de Percy Jackson, afirma que o grupo precisou se organizar para adaptar os encontros durante a fase mais aguda da pandemia, já que haviam restrições. As reuniões em parques



F: PALOMA XAVIER

Bruno participa das dinâmicas quando vai aos eventos de fãs de Percy Jackson.

e em outros espaços foram suspensas, e os fãs se encontravam apenas virtualmente, em um grupo de WhatsApp. Posteriormente, a organização adotou um formato híbrido.

"Antes a gente só tinha presencial, eu acho que no meio de 2021 a gente fez o primeiro online. Antes realmente o foco eram os eventos presenciais, mas a gente viu que tinha pessoas de outros estados que queriam participar, então a gente começou a investir nos encontros online também", conta Vanessa.

"Obviamente não tem toda a questão da interação, as brincadeiras, por exemplo, caça a bandeira não tem. Mas a gente faz bate-papo, convida outras pessoas. No último evento, a gente convidou escritoras e influencers do Tik Tok", acrescenta.

O grupo no WhatsApp, onde geralmente os frequentadores dos eventos promovidos pela Semideuses se informam sobre as datas e horários dos próximos encontros, tem cerca de 200 participantes. O aumento de fãs frequentadores também exigiu uma mudança nos locais de eventos presenciais.

"Em agosto de 2021, chegaram 70 pessoas. E para fazer eventos em lugares públicos com tanta gente a questão é mais burocrática, envolve órgãos governamentais. Então, a gente decidiu começar a fazer em locais fechados e procurar parcerias, como a livraria Jaqueira, do Marco Zero", explica Vanessa.

A pandemia dificultou encontros presenciais, mas potencializou espaços virtuais. E isso também se aplica ao universo da leitura: influenciadores digitais que produzem conteúdo sobre livros ganharam mais espaço nas redes sociais. Na internet, os nichos chamados de booktok (Tik-



Entre as dinâmicas dos eventos, está o concurso de cosplay - com direito a performance.



Nos eventos presenciais, além das atividades com maior interação física, há também itens vendidos pelos organizadores, como camisetas e objetos temáticos.

Tok), bookgram (Instagram) e booktwitter (Twitter) são repletos de sugestões de leituras, debates e memes.

A advogada e digital influencer Gabriella Luna, de 25 anos, cria conteúdo literário para o Tik Tok e o Instagram. A ideia surgiu durante a pandemia, quando passou a cursar a faculdade remotamente e voltou a morar na sua antiga casa, onde estavam seus livros.

"Olhei para [os livros de] Percy Jackson e decidi ler de novo. Eu reli as duas sagas em uma semana, praticamente um livro por dia. E, quando não tinha nada para fazer,

abri o Tik Tok e foi aí que eu percebi que aquilo ali não era só dancinha", conta. "Existe um mundo literário dentro do Tik Tok, que é o booktok. Quando eu comecei a ver isso, o algoritmo mudou para mim e agora a rede social só mostra isso."

Foi então que Gabriella, que tinha basicamente reduzido a zero as suas leituras por causa do vestibular e faculdade, se jogou de cabeça na leitura - chegando a ler quase 50 livros por ano. E as redes sociais eram o local no qual ela compartilhava suas impressões.

"Virou um momento ter-

pêutico. Eu abri a câmera, às vezes até estando de pijama, e ficar falando. E as pessoas me responderem e brincarem sobre os livros. Eu fiquei fascinada porque as pessoas me respondiam”, diz.

A produção virou um hobby para Gabriella: “Eu faço muitos vídeos no TikTok. Tem muito vídeo de meme porque eu gosto de brincar com os personagens que eu leio. Às vezes eu posto um vídeo ‘sur-tando’ por causa de alguma leitura”.

Outros tipos de conteúdos explorados são as indicações de livros, como obras protagonizadas por mulheres; “livros que li em menos de 24 horas” e livros brasileiros. O planejamento varia de acordo com a rede social.

“No TikTok, eu comento



F: ARQUIVO PESSOAL.

Gabriella Luna voltou a ser uma leitora voraz na pandemia.

sobre os livros em tom mais descontraído, com memes. No Instagram, os seguidores querem mais profissionalismo. Eles querem que eu comente

meus hábitos de leitura e fale de uma forma mais prática sobre a história, indicando aquele livro com a classificação indicativa”, detalha a booktoker.

“Meu público tem uma faixa de 16 a 30 anos, então é bem variado mesmo. Por isso que eu sempre coloco classificação indicativa nos meus livros”, acrescenta.

Com mais de 4 mil seguidores no TikTok e quase 2 mil seguidores no Instagram, Gabriella vê seu conteúdo crescendo no nicho. Para ela, a internet é um facilitador para compartilhar indicações e opiniões. “Basta você colocar a hashtag do que você quer, tipo a hashtag mais o nome ‘livro’ ou #bookgram no Instagram ou #booktok no TikTok ou #booktwitter no Twitter que você vai achar o que você quer”, explica.

A influenciadora acredita que as redes sociais se consolidaram como espaço para compartilhar conteúdo literário. Gabriella destaca que as redes ficaram tão importantes nesse aspecto que as editoras criaram um selo chamado “sensação do TikTok” para ampliar as vendas dos livros que ficaram populares lá.



F: ARQUIVO PESSOAL.

Gabriella produz conteúdo literário de acordo com a dinâmica de cada rede social.

Seu próprio mundo

Saga Harry Potter, saga Percy Jackson e universo k-pop. O que eles têm em comum? Todos “emprestaram” personagens para muitas das histórias, as famosas fanfictions, escritas por Rafaella Castro.

Mas quem é Rafaella?

Nascida em Belo Horizonte (MG) em 12 de setembro de 2000, Rafaella Gonçalves de Castro é atleta de pole dance, designer gráfica e escritora de fanfictions. Filha de William de Castro e Isaura Valença Gonçalves, e irmã mais nova de Rochelle Gonçalves de Castro, ela foi incentivada a ler desde cedo.

A mineira começou a ler aos quatro anos. E sua primeira leitura “sem figuras” foi a saga Percy Jackson e os Olimpianos, de Rick Riordan, em 2009. A saga, que ganhou adaptação cinematográfica, conta a história de um adolescente que descobre ser um semideus e que precisa enfrentar monstros e inimigos para cumprir uma profecia mortal. Fantasia, como

Percy Jackson, foi o gênero favorito de Rafaella por muito tempo.

Além do incentivo à leitura, ela também aprendeu línguas estrangeiras já na juventude. Ela concluiu um curso de inglês aos 13 anos e conversava fluentemente com pessoas de outros países para exercitar - alguém já ouviu falar no Omegle?. Poucos anos depois, seu apelido, que era “japa”, passou a ser “Jay” porque os amigos do exterior não conseguiam pronunciar a palavra corretamente. E desde então ela prefere ser chamada por esse apelido.

Em 2013, aos 12 anos, Jay decidiu se aventurar na escrita. A mineira ainda não sabia o que eram as fanfictions, mas pegou “emprestado” o nome de alguns cantores de k-pop para os personagens das histórias que surgiam na sua mente. Demorou anos até que ela descobrisse que isso se chamava fanfic.

“Tinha uma história que era meio que uma fanfic de Percy Jackson quando eu tinha dez anos. Mas a minha primeira fanfic mesmo,

F: ARQUIVO PESSOAL



que eu cheguei a postar, foi quando eu tinha 12 anos. Era só uma brincadeirinha, porque eu realmente não sabia que se tratava de um gênero diferente”, relata.

Rafaella tomou gosto pela atividade e passou a se dedicar mais. Os personagens já tinham uma aparência e uma personalidade definida, o que facilitou seu processo criativo quando mais nova. A inspiração vem de elementos do cotidiano, que funcionam quase que como tijolinhos para construir uma aventura.

E quem lhe apresentou o universo das fanfics foi uma amiga da época, que também compartilhou um site no qual as pessoas publicavam suas histórias: o Spirit Fanfiction, que no período se chamava Social Spirit. Foi a deixa perfeita para Jay começar a ler e consumir de fato esse conteúdo.

Agora, Rafaella estima que escreveu mais de 40 fanfics, além das histórias que estavam em arquivos que perdeu em celulares e computadores antigos. A maioria das histórias é de romance ou fantasia, mas o atual desafio de Jay é se aventurar no terror, que agora é seu gênero preferido: “Tem algumas histórias de terror que eu comecei, mas ainda não consegui finalizar.”

Os enredos são, em sua maioria, yaoi - gênero originário no Japão que tem como foco relações homoeróticas e/ou homoafetivas entre dois homens - pois muitos personagens são de grupos masculinos de k-pop. O gênero também tem ganhado espaço nos animes e mangás.

O público que mais consome as fanfics de Jay tem entre 18 e 25 anos. Algumas das suas

histórias têm recomendação +18, mas não necessariamente têm conteúdo erótico. “Eu não curto muito aquela enganação de colocar um conteúdo explícito só para atrair mais leitores”, explica.

“Inclusive uma das minhas histórias tem mais de 200 comentários reclamando que a classificação é +18 por causa das regras no site, porque não tem conteúdo explícito. Eles esperavam ‘50 tons de cinza’ e receberam um livro do Nicholas Sparks [autor conhecido por romances pouco ‘picantes’]”, brinca.

“Hendery afundou os dedos de uma das mãos nos fios prateados e apreciou quando Lucas fechou os olhos sob seu toque.

- Você gosta de receber carinho? -
Perguntou, bem baixo, recebendo um simples aceno positivo - E por que você permite que não te tratem dessa forma...?”

Fatal 710155

Com mais de 230 mil leituras, sua fanfic mais lida, o romance *After All This Time*, tem como protagonistas Harry Potter e Draco Malfoy (personagens da saga Harry Potter, da autora J. K. Rowling). O enredo é baseado em uma música do filme *StarStruck: Meu Namorado é uma Superestrela*.

“I, yeah, I believe in destiny
I may be an ordinary guy
With heart and soul
But if you're the one for me
Then I'll be your hero”

Rafaella gosta de escrever pelo celular e garante que as plataformas têm ferramentas para formatar os textos no smartphone. Ela destaca que uma das vantagens de escrever pelo celular é a privacidade: “Corre menos risco de você sair naquelas fotos que viralizam que a pessoa tá lendo algo com uma letra enorme.”

Jay prefere publicar no Wattpad e ler no Spirit, mas quando as histórias são contos ou têm capítulo único, a preferência é publicar no último. Segundo ela, as estatísticas funcionam diferente para cada tipo de plataforma e o Wattpad é a mais adequada para livros com vários capítulos. Além disso, ela avalia a formatação para leitura na plataforma como melhor em relação ao Spirit.

A mineira também critica a diferença de tratamento das pessoas para com um escritor e

F: REPRODUÇÃO



Yuri!!! on Ice, um anime japonês que se destaca no gênero yaoi, acompanha a trajetória de um patinador derrotado tentando voltar aos grandes circuitos de patinação no gelo com a ajuda de Victor Nikiforov, um veterano que passa a ter interesse no garoto após vê-lo em um vídeo viral.

para com um escritor de fanfictions. Enquanto quem se apresenta como escritor é tratado com prestígio, o escritor de fanfic é recebido com uma reação nada positiva: “uma sobrancheira levantada, um olhar sempre de lado.”

A mãe e a irmã de Rafaella sabem que ela escreve fanfics e até dão opinião sobre alguns detalhes quando são questionadas, mas não consomem o conteúdo. A maior parte dos seus amigos lê suas histórias e também escreve as próprias. Eles não têm um clube do livro, por causa da agenda apertada, mas quando se encontram para outras atividades comentam sobre o que estão escrevendo ou lendo.

Escrever é um hobby para Rafaella, que atualmente foca na carreira de atleta de pole dance. “Meu foco de profissão está mais no meio da dança mesmo, mas como a escrita é uma forma de arte, eu acredito que funciona para mim também”, destaca.

Apesar de não pretender seguir a carreira de escritora, sonha com a publicação de um livro físico. Não pretende publicar muitos, como Stephen King e Cassandra Clare, mas pensa em levar suas histórias além do ambiente virtual.



Rafaella defende que a fanfic tem poder transformador dentro da sala de aula. Ela afirma que abordar mais o tema na escola pode despertar o interesse dos jovens pela leitura e escrita, melhorar o vocabulário e a criatividade, além de abrir portas para oportunidades de vida.

Também considera que as obras e temas da disciplina Literatura devem ser revistos, pois podem não ser adequados para a maturidade desses alunos. Jay sugere uma mudança na forma de abordagem na sala de aula e a escolha de livros de gêneros e temáticas que despertam a atenção dos alunos, como, por exemplo, livros infantojuvenis de fantasia com viagem no tempo. Quanto ao desinteresse de muitos jovens pela leitura e escrita, Rafaella aponta que a falta de foco pode ser a grande vilã. “O pessoal não consegue focar direito, tá perdendo o interesse na leitura, porque é uma coisa só, não tem esse acesso de estímulo único”, explica.

E atribui à pandemia a intensificação desse fenômeno: “A gente ficou confinado em casa por um tempão e as pessoas que estavam se desenvolvendo ficaram sem estímulos para acalmar essa parte do cérebro. Então a gente desconta tudo isso nas redes sociais, e esse excesso de informação dificulta o foco numa coisa só. Nosso espaço de atenção é muito curto agora.”

Contudo, reconhece que as redes sociais podem ajudar a atrair o interesse dos jovens para os livros. Uma das estratégias que mais chamaram sua atenção foi a abordagem de um enredo como uma fofoca e, no final do vídeo, o anúncio do título do livro. Além disso, são um meio de divulgação para fanfics e outras histórias.

Para Rafaella, as redes sociais também podem ajudar a estimular os jovens a ler e escrever, desde que utilizadas com esse objetivo.



Posfácio

É engraçado como o famigerado TCC tem um potencial assustador antes mesmo de você entender qualquer coisa sobre um curso superior. A gente entra na faculdade sem ter muita noção de onde está pisando, mas a abreviação de Trabalho de Conclusão de Curso já é de causar arrepios em alguns.

Lembro de ter passado por alguns sufocos no decorrer da graduação, o que teoricamente me prepararia para o grande vilão dessa fase. E, antes mesmo de começar a disciplina introdutória sobre o TCC, recordei de uma monitora da minha antiga faculdade de Jornalismo comentando sobre as fases da escrita deste trabalho: a da procrastinação; a da frustração; a do bloqueio criativo; a do choro; e outras que variam de pessoa para pessoa.

E o que eu não esperava é que uma das fases de um trabalho tão complexo envolveria memórias afetivas tão fortes. Sabiamente, uma professora nos orientou a escolher um tema sobre o qual a gente tenha, no mínimo, bastante interesse - já que iríamos escrever e pesquisar sobre ele até a exaustão. E eu escolhi um tema que tem relação com tantas fases da minha vida que eu nem imaginava.

A ficha caiu mesmo quando entrevistei uma colega que frequentava alguns dos mesmos espaços que eu. A cada fala dela, um tijolinho construía um ambiente: uma livraria, um parque ou qualquer outro espaço que a gente frequentava há cerca de dez anos.

Em um dos momentos da entrevista, fui teletransportada para um evento na Livraria Saraiva do Shopping Recife. O ano era 2012 ou 2013. As prateleiras estavam abarrotadas de livros, e pessoas circulavam olhando os títulos, puxando um ou outro das estantes.

Mas o que realmente importava naquele dia não era comprar um livro, mas sim compartilhar o que eu sabia sobre livros já consumidos. Fui em direção ao final da livraria, onde já sabia o que ia encontrar: um auditório cheio de jovens da minha idade, loucos para participar de jogos e ganhar prêmios.

Eu só via essas pessoas a cada dois meses, no mínimo. Nossas interações eram basicamente nos eventos e nos grupos de WhatsApp, mas naqueles momentos não havia

questões sobre intimidade. Nós agíamos como se fôssemos amigos que não se viam há um tempo, mas ainda tínhamos bastante carinho uns pelos outros e que estavam empenhados em participar de todas as atividades do evento.

Não lembro exatamente o que ganhei nesse evento, mas se revirar meu guarda-roupa com certeza vou encontrar camisa, livro, broche e um brinde ou outro sortido. Não tive coragem de me desfazer de grande parte dessas coisas. E encontrar esses itens, além de conversar sobre esse tempo, me fez revisitar uma fase incrível da minha vida.

Fui tomada por uma nostalgia - sem nem mesmo receio de rever fotos que sei que vou estar horrorosa -, uma fase que eu jamais imaginaria que o TCC pudesse me fazer viver. Mas acho que permitir se envolver dá nisso: a gente arrisca e colhe até frutos que não imaginava.



Agradecimentos

Não há como não agradecer, primeiramente, à minha orientadora, Adriana Santana, por todo suporte, contatos, disposição e paciência.

Nem esquecer da minha mãe, Jô; minhas irmãs, Mari e Agnes; e meu pai, Paulo, por estarem dando outros tipos de suporte em casa e em outras questões.

Não posso minimizar a ajuda de alguns amigos, como Thyago, Vitória, Emília, Julianna, Mirella, Matheus, Pedro, Alice, Letícia, e minha chefe Giovanna entre outros, que ouviram minhas queixas, desabafos e surtos durante os meses em que estive escrevendo este trabalho.



E nem deixar de lado as sessões com minha psicóloga, Mônica, sobre a insegurança de escrever algo, mesmo sabendo que sou capaz. Esses suportes foram essenciais para não desgastar ainda mais meu psicológico, que quase ficou em frangalhos diversas vezes.

Não ficam de fora todos "alguém" que conheciam "alguém que pode ajudar" de alguma forma. E não menos importante: meu "muito obrigada" a Hannah, que diagramou este trabalho em tempo recorde.

Sem vocês, esse trabalho poderia ser possível, mas não seria a mesma coisa - assim como a minha vida.



